

ASSOCIAÇÕES BRASILEIRAS EM BOSTON

UM PRIMEIRO OLHAR

*Heloisa Maria Galvão Pinheiro de Souza**

“Quando eu cheguei aqui, tinha umas sete moças que haviam vindo para serem babás. Eu me encontrava com elas aos domingos, em Park Street (centro de Boston), para matar as saudades do Brasil”.

Esta declaração do policial Joe César, conhecido na comunidade brasileira simplesmente por Adão, retrata bem a história, recente mas intensa, de uma comunidade que está fazendo história e sem dúvida alguma ajudando a melhorar a imagem do Brasil no exterior.

Adão veio nos anos 60, quando “ninguém vinha”. Uns poucos brasileiros imigraram naquela época, tão poucos que nunca foram levados a sério pelo censo americano. Quase trinta anos depois, Adão virou policial e defensor da comunidade e se orgulha de dizer que a brasileira é uma comunidade pacata. Casos de crime, roubo, violência, drogas são poucos. “Acontece ao contrário, os brasileiros são mortos”, diz o paulista Adão.

De acordo com pesquisa feita pela Arquidiocese de Boston em 1994, cerca de 150 mil brasileiros vivem na Grande

Boston, uma área formada por dez cidades-municípios e compreendia entre Boston e a Rodovia 128. As três maiores concentrações de brasileiros vivem nas cidades de Somerville, Framingham, Allston-Brighton e East Boston (bairros de Boston) e Marlboro. Mas há brasileiros espalhados por todos os lados, desde Nashua, em New Hampshire, até Dorchester, Roxbury e Roslindale, outros bairros de Boston.

É difícil comprovar números na comunidade porque os brasileiros geralmente não são identificados como um grupo es-

Grupo Mulher Brasileira, surgido em 1995

Foto: Sérgio Fialho



pecífico na classificação racial americana¹. A pesquisa da Arquidiocese de Boston continua sendo a mais aproximada. No entanto, quem trabalha com a comunidade sente que o fluxo de entrada de brasileiros, pelo menos nesta área dos Estados Unidos, continua crescendo. Um exemplo é a matrícula escolar que aumenta em todos os distritos, principalmente por causa de filhos de famílias que acabaram de chegar ou de pais que já moram aqui e agora conseguiram trazer os filhos.

O que trouxe os brasileiros a esta parte dos Estados Unidos é uma história de ouro e conquista e já virou lenda. Conta-se que os mineiros de Governador Valadares vinham comercializar pedras preciosas, uns gostaram e ficaram. Como brasileiro não vive sozinho, continua a lenda, aos poucos os mineiros começaram a trazer mulher, filhos, vizinhos, pais, namoradas e amigos. A história verdadeira está relacionada com a construção da estrada de ferro ligando os estados de Vitória e Minas Gerais, quando muitos americanos foram para o Brasil e os mineiros de Governador Valadares começaram a ouvir falar em Estados Unidos.

Quando eu cheguei aqui, há onze anos, nove entre cada dez brasileiros imigrantes eram de Governador Valadares. Hoje, os mineiros enfrentam séria concorrência de capixabas e catarinenses, goianos e matogrossenses, entre outros. Nota-se também uma tendência à estabilização, traduzida em ações como compra da casa própria e tentativas de investimento em lazer e em poupança, principalmente para garantir o futuro da educação dos filhos.

Pergunte a qualquer brasileiro quais os planos para o futuro e a resposta é sempre a mesma: "Voltar ao Brasil". Mas a desesperança e a falta de confiança na política econômica do país e o desrespeito ao cidadão fazem com que muitos pensem duas vezes antes de arrumar as malas. Robson Goulart, que matricula crianças brasileiras para a escola em Somerville, atende uma média de oito famílias por dia. Os hospitais de Cambridge e Somerville atendem mais de 2500 brasileiros mensalmente com os mais diversos problemas, de vacinas a testes de HIV ou problemas emocionais. A escola pública de Framingham matricula mais de 400 brasileiros de Jardim ao se-

gundo grau. O comércio brasileiro é formado por cerca de 150 lojas, emprega aproximadamente 500 pessoas e gera recursos anuais da ordem de 50 milhões de dólares.

Uma comunidade deste tamanho não pode mais ser ignorada. Se a copa do mundo de 94 revelou para os americanos uma comunidade até então quase despercebida - uma maioria branca, trabalhadora e quieta - é o comportamento dos brasileiros como grupo que, aos poucos, impõe sua identidade cultural. O Departamento de Saúde americano, por exemplo, promove treinamentos frequentes para intérpretes e os de língua portuguesa - leia-se brasileiros - são dos mais requisitados. Os hospitais da área de Boston empregam mais de 40 brasileiros, os sistemas de educação querem contratar professores para seus programas bilíngues em português.

Como servir a uma população fácil de se misturar, de passar despercebida, e, ao mesmo tempo, capaz de tomar conta de si mesma? Porque uma coisa os brasileiros tiram de letra: eles podem chegar sem falar inglês ou sem saber onde vão morar, mas todos têm uma conexão com alguém que os ajudam a arranjar um emprego e facilitar as coisas até que a vida engrene.

O crescimento da comunidade brasileira aumentou os problemas e as necessidades, provocando o aparecimento de diversas organizações e grupos comunitários que trabalham com a comunidade. Tais iniciativas exercem papel relevante na organização comunitária e estabelecimento da identidade cultural deste grupo de imigrantes, provocando a melhoria e aperfeiçoamento dos serviços oferecidos.

Várias são as organizações que trabalham com os brasileiros na área da Grande Boston: Algumas delas foram criadas por brasileiros para trabalhar com e para os brasileiros, como o Grupo Mulher Brasileira, o Centro do Imigrante Brasileiro, a Associação Brasileira & Americana e a Brazilian Business Network. Outras, mais antigas, como a MAPS (Massachusetts Alliace o Portuguese Speakers), foram fundadas em função da população portuguesa e, nos últimos anos, viram-se obrigadas a redirecionar seus serviços, em virtude da crescente demanda apresentada pela coletividade brasileira. Um terceiro grupo é o

institucional, prestador de serviços, como hospitais e escolas, que estão sendo obrigados a contratar cada vez mais brasileiros para trabalhar com brasileiros.

Este artigo lista e descreve as organizações que trabalham com a comunidade brasileira na área da Grande Boston e os serviços fornecidos pelas mesmas, com especial atenção para aquelas criadas por brasileiros e para os brasileiros. Também analisa o papel dessas instituições e como sua atuação tem influenciado e mudado a comunidade ou a percepção que outros têm da comunidade brasileira. Além disso, lista aquelas já existentes antes dos brasileiros chegarem mas que tiveram que replanejar e redirecionar seus serviços devido à sua clientela ser esmagadoramente brasileira. É o caso dos serviços de saúde e de educação.

Por último, o artigo também menciona órgãos criados em função da imigração brasileira em todo o mundo, caso específico dos conselhos de cidadãos, inseridos na nova política consular do governo brasileiro de atender melhor os cidadãos brasileiros morando no exterior.

MAPEAMENTO DAS ASSOCIAÇÕES EXISTENTES

GRUPO MULHER BRASILEIRA

Foi fundado há quatro anos por um grupo de mulheres que sentiam a necessidade de falar sobre assuntos em comum, como educação dos filhos, problemas na comunidade, solidão e saudade. Hoje, o Grupo é um movimento de base preocupado com a organização político-comunitária da comunidade brasileira da área da Grande Boston.

É formado por cerca de 20 mulheres ativas na comunidade e que trabalham em diversas áreas, desde a limpeza de casa, até saúde pública, educação, indústria e negócios. Em quatro anos de existência e sem dispor de recursos oficiais, o Grupo Mulher Brasileira tem uma vasta lista de promoções, como palestras, conferências, reuniões comunitárias, sessões mensais de filmes brasileiros, workshops sobre imigração e cidadania. Há três anos oferece cursos de inglês em dois níveis, já tendo en-

tregue certificados de frequência a mais de 300 alunos. A idéia de celebrar o 7 de setembro em Boston nasceu dentro do Grupo, e o festival multicultural em celebração do Dia Internacional da Mulher é uma tradição que se repete há quatro anos.

Bastante ativo na comunidade, o Grupo Mulher Brasileira almeja manter contatos com as instituições que trabalham em favor do imigrante como o MIRA (Massachusetts Immigrant & Refugee Coalition) e monitora de perto ações e medidas que prejudiquem ou beneficiem a comunidade imigrante brasileira.

Ano passado, por exemplo, liderou o Dia do Imigrante Brasileiro na Assembléia Legislativa de Massachusetts, visitando os deputados estaduais para expor a discriminação contra os brasileiros na obtenção de carteira de motorista.

Localizado no Centro de Informações para Pais de Somerville, de quem recebe ajuda estrutural, o Grupo Mulher Brasileira sobrevive de pequenas promoções para arrecadar dinheiro, como venda de livros de receitas, organizadas e impressas pelo próprio grupo, feira de livros ou venda de guaraná durante as sessões de cinemas. Todas as promoções do grupo são gratuitas e oferecem babás para que os pais possam vir com os filhos. "Nosso interesse é proporcionar entretenimento e informação para a família. Não visamos o lucro", diz Regina Bertholdo, membro fundadora. Nas aulas de inglês é cobrado um preço baixo para pagar os professores. O grupo não tem uma hierarquia definida e planeja tornar-se uma organização sem fins lucrativos para poder solicitar recursos a fundo perdido que serão revertidos em trabalhos comunitários.

Desde sua criação, uma grande preocupação do grupo tem sido promover a língua e a cultura brasileira, expondo a identidade de uma comunidade que até bem pouco tempo era ignorada pelos americanos.

Alguns membros do grupo defendem a participação política dos brasileiros nas eleições brasileiras e americanas. Embora o grupo como um todo não endosse candidatos, algumas integrantes fazem campanha e lobby para candidatos que defendem a causa dos imigrantes como o senador Edward Kennedy.

CENTRO DO IMIGRANTE BRASILEIRO

Foi criado há mais de três anos para tratar dos direitos trabalhistas dos trabalhadores brasileiros. O Centro do Imigrante está localizado em Allston, ao lado do escritório da MAPS e da ABA e, segundo seu diretor, Fausto da Rocha, a entidade existe para "melhorar a vida dos brasileiros em Boston através de treinamento, organização e desenvolvimento das suas capacidades para liderança".

O objetivo do Centro, explica Fausto, é organizar um movimento unido dos brasileiros contra a discriminação econômica, social e política. Segundo dados do Centro do Imigrante, os abusos trabalhistas aumentam à medida que mais imigrantes brasileiros chegam. "Os brasileiros vêm a este país para trabalhar duro e criar uma vida melhor para os seus filhos e para si mesmos", diz um folheto de divulgação do Centro. "Muitos, porém, não são conscientes dos seus direitos", alerta, listando a educação escolar para as crianças, direitos trabalhistas e direitos dos imigrantes. "Discriminação e abuso representam grandes perigos", continua o folheto, explicando que o Centro do Imigrante Brasileiro "foi estabelecido com a finalidade de ser um lugar onde os brasileiros podem se unir, procurar conselhos e organizar-se para conseguir seus direitos".

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA & AMERICANA (ABA)

Criada em 1996, de acordo com seus estatutos, objetiva oferecer assistência social, oportunidades de trabalho e educação, principalmente aos brasileiros e seus descendentes. Segundo a diretora, Teresa Mansur, a ABA vai também entrar no campo da prevenção à saúde. "Nossa sociedade aqui não é tão bonita e saudável", diz ela, acrescentando que a associação vai fazer pesquisa para determinar o que as pessoas precisam. Prevenção ao fumo, ao álcool e suicídio são três tópicos prioritários.

A ABA é registrada como entidade sem fins lucrativos e nos primeiros anos de existência promoveu festas para arrecadar dinheiro e também para oferecer entretenimento à comunidade. Segundo Teresa Mansur, a Associação é mantida pelo público. "Nós queremos que a Associação

caminhe com suas pernas, queremos que seja mantida pela população porque ela é para a população". A ABA cobra dez dólares de mensalidade de seus associados e qualquer pessoa que queira usar suas instalações precisa se associar.

Há cerca de um ano, a Associação alugou uma sala na mesma galeria onde funciona o Centro do Imigrante Brasileiro e o escritório da MAPS em Allston. "O aluguel é relativamente barato e estamos perto da comunidade", diz Teresa Mansur.

Entre os serviços prestados pela ABA, Teresa lista o oferecimento de aulas de inglês, grupo de suporte da terceira idade, terapia em grupo nas terças-feiras à noite, grupo de adolescentes, nos meses de verão (julho e agosto) e um grupo de apoio aos pais que não começou a funcionar por falta de quem assuma a coordenação.

A ABA está à disposição para ajudar, diz Teresa, anunciando que a Associação desenvolve um sistema de data-base. "Nosso objetivo é atrair o associado", finaliza.

BRAZILIAN BUSINESS NETWORK

É uma organização privada sem fins lucrativos e voltada à comunidade. Objetiva "promover a riqueza entre os brasileiros imigrantes" através de estímulos ao "potencial de crescimento e geração de emprego".

Criada em 1997, a entidade visa integrar o setor privado e o público do Brasil e dos Estados Unidos em parcerias estratégicas para aumentar o volume de negócios gerados. Plano de viabilidade preparado por Alvaro Lima, o primeiro presidente da entidade, cita a existência de aproximadamente 150 negócios brasileiros na área de Boston, o que significa emprego para aproximadamente 500 pessoas, todas brasileiras. A economia desenvolvida por este comércio gera recursos anuais da ordem de 50 milhões de dólares.

A Brazilian Business Network ajuda os comerciantes brasileiros a navegarem os intrincados caminhos da burocracia americana, oferece orientação sobre a obtenção de financiamentos e empréstimos e ajuda pequenos comerciantes a melhorarem a renda de suas lojas ou a expandir seus negócios. Também pretende ser um veículo de informação entre Boston e o



Festival 7 de Setembro, realizado em Boston no ano de 1998

Foto: Nicolai Cauchy

Brasil, no sentido de ajudar brasileiros que querem voltar e abrir negócios no Brasil.

HOSPITAL SANTA ELIZABETH

Em 1996, o Hospital Sta. Elizabeth, localizado no coração de uma das maiores comidades brasileiras, Allston-Brighton, não atendia brasileiros porque não tinha intérpretes brasileiros em sua equipe. "Eles (a direção do hospital) começaram a perceber a necessidade de servir a população que atravessava o rio" (rio Charles, que separa Boston de Cambridge e Somerville), explica Regina Bertholdo, referindo-se às famílias que preferiam ir para o Hospital de Cambridge ou o de Somerville, onde há intérpretes brasileiros.

Naquele mesmo ano ela foi contatada para dirigir o departamento de serviços multilíngues do Sta. Elizabeth. Hoje, o Sta. Elizabeth tem cinco brasileiros em sua equipe - uma médica, uma farmacêutica, duas intérpretes e uma secretária - e, diariamente, atende cerca de 60 brasileiros, diz Nildete O'Brien, que há dois meses substituiu Regina. As consultas variam de simples vacinas, exames pré-natal, check-up, até aconselhamento emocional, entre outros.

HOSPITAL DE SOMERVILLE E CAMBRIDGE

Oferece aconselhamento e teste do vírus HIV e na área de serviço social para pessoas infectadas com o vírus ou que já tenham AIDS. A catarinense Graciani Silva foi contratada há três anos para servir a comunidade de língua portuguesa do hospital. Ela intermedia o relacionamento entre os pacientes e os médicos e enfermeiras. Segundo Graciani, "muitas vezes é difícil para esses pacientes entenderem como o sistema médico deste país funciona. Na maioria das vezes, o paciente não é documentado e não conhece os seus direitos. Ter que enfrentar um diagnóstico como HIV ou AIDS é uma coisa difícil em qualquer lugar, mas a coisa fica mais complicada quando não se fala a língua do país em que se está vivendo ou quando esta pessoa se sente completamente isolada, longe da família e com pavor de que as pessoas vão descobrir sua situação. A boa notícia - continua Graciani - é que a clínica em que trabalho está preocupada em entender melhor a cultura, os medos e os problemas dessas pessoas para poder servi-las melhor".

Graciani não é a única brasileira na

equipe dos dois hospitais. São mais de 25 brasileiros trabalhando como intérpretes, enfermeiros, assistentes sociais, coordenadores de projetos e programas. Cristina Almeida, gerente do departamento multilíngue do Hospital de Cambridge, diz que o número de brasileiros aumenta a cada dia. Mensalmente, os dois hospitais e as clínicas atendem mais de 2500 brasileiros. Esse atendimento na língua do paciente e por pessoal que entende a cultura brasileira é da maior importância para deixar a pessoa confortável e evitar erros gravíssimos, diz Cristina. "A ida a um hospital é por si só uma situação intimidante. Se você não fala a língua, é muito pior. Eu mesma, quando cheguei aqui, passei por uma situação dessa. Meu filho foi atropelado. Eu falava muito pouco inglês, o médico queria que eu dissesse ao menino para não se mover - "tell him not to move" - e eu entendia que meu filho não ia mais se mover. Foi um desespero".

ASSOCIAÇÃO DOS PROFISSIONAIS BRASILEIROS

Liderada por um advogado americano, John O'Brien, casado com uma brasileira, a Associação de Profissionais Brasileiros

objetiva facilitar o "network" entre os profissionais que atuam nas diversas áreas. As reuniões acontecem a cada dois ou três meses, geralmente em torno de assuntos que interessem a comunidade, como saúde, imigração, comércio, etc.

CONSELHO DE CIDADÃOS

Nas palavras do ministro Mário Vilalva, cônsul do Brasil em Boston, o Conselho de Cidadãos é um novo instrumento da política consular brasileira, criado com o objetivo de aperfeiçoar a prestação da assistência ao cidadão brasileiro vivendo no exterior. Trata-se de órgão consultivo dos consulados brasileiros, formado por membros escolhidos pelo cônsul-geral, com base em critérios gerais de liderança, distribuição geográfica, segmento social, rotatividade e dimensão populacional.

Nesse sentido, continua o cônsul, objetiva promover maior interação entre a comunidade e a autoridade consular com vistas à procura de soluções para os problemas enfrentados pelo cidadão brasileiro, respeitadas as leis nacionais e internacionais. Seus trabalhos são pautados pela consulta, pelo diálogo, pelo debate e pela solidariedade.

A idéia da introdução dos conselhos de cidadãos foi do próprio presidente Fernando Henrique Cardoso "no contexto de modernização da política consular brasileira. Sua origem está em outros países com tradição na história da imigração". Itália, Espanha e Portugal há muitos anos possuem conselhos de cidadãos.

Na verdade, o próprio Itamaraty não esconde que a experiência ruim do então exilado político Fernando Henrique Cardoso na década de 70 com os consulados brasileiros o levou a reivindicar um melhor tratamento para a comunidade brasileira vivendo no exterior quando chegou à presidência.

O Conselho de Boston, um dos 38 espalhados pelos consulados em todo o mundo, é formado por 12 membros, presidente e uma cadeira rotativa destinada à imprensa. Foi criado em setembro de 1996 e já realizou sete reuniões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A existência de organizações comunitárias criadas por brasileiros para trabalhar com os brasileiros reflete o crescimento e o amadurecimento da comunidade nos últimos três anos. A mudança da política de atendimento de grupos e instituições a fim de se adequarem às necessidades dos brasileiros, demonstra que a comunidade está conseguindo impor sua identidade.

À medida que a comunidade cresce, aumenta a demanda para prestação de serviços na língua nativa do grupo, quer dizer, português: vacinas, matrícula estudantil, transações bancárias, aluguel, compra da casa própria, colocação no mercado de trabalho, apelos judiciais, para só citar alguns. Esta prestação de serviços provoca uma demanda de mão-de-obra brasileira especializada, como professores, médicos, psicólogos, terapeutas, assistentes sociais e intérpretes, entre os mais procurados. Esta demanda abre o mercado de trabalho para os brasileiros, porque falar português não basta. É preciso conhecer a cultura, a maneira de ser do brasileiro, identificar-se linguística e culturalmente com os clientes, caso contrário, a relação não funciona.

Não está longe o tempo em que se contratava hispano para trabalhar com brasileiro. Este problema ainda existe, mas as entidades americanas estão sendo forçadas a admitir que falamos uma língua que não é o espanhol e nossa cultura não é a portuguesa ou a hispana. Ou as agências se adequam às necessidades da comunidade, ou a comunidade busca quem o faça. Por exemplo, durante recente reunião da presidência do Hospital Sta. Elizabeth, de Brighton, com lideranças comunitárias brasileiras, todas, unanimemente, explicaram porque os brasileiros preferem o Hospital de Cambridge ao Sta. Elizabeth: Cambridge tem intérpretes brasileiros de plantão 24 horas por dia, enquanto o Sta. Elizabeth tem apenas dois intérpretes brasileiros em sua equipe.

Este trabalho de estabelecimento da identidade do brasileiro como comunidade e de reivindicação de serviços na língua nativa e por brasileiros é um trabalho iniciado por brasileiros que, aos poucos, foi se estruturando. O posicionamento das organizações criadas por brasileiros está facilitando a formação de uma consciên-

cia comunitária organizada. Quando necessário, estes grupos atuam como elemento de ligação entre as comunidades brasileira e americana e, no exercício deste papel, têm posições distintas: Por exemplo, negam-se a dividir a comunidade entre legais e ilegais e se recusam a culpar os imigrantes como responsáveis pelo endurecimento das leis de imigração, um pregão comum do grupo anti-imigrante.

Outra característica dos grupos comunitários criados por brasileiros é que são organizações de base e como tal tendem a dar voz à comunidade, ao invés de impor soluções e decisões tiradas de cima para baixo, ou praticar ações assistencialistas ou paternalistas. Neste particular, o Grupo Mulher Brasileira, ao meu ver, sobressai-se porque é uma organização de base que trabalha a partir de uma perspectiva de fortalecimento da comunidade como um todo. O trabalho gerado e provocado por estes grupos comunitários criados por brasileiros ajuda a diminuir os conflitos culturais e proporciona uma melhor assistência à comunidade.

Outro fator importante nestes primeiros anos de estabelecimento efetivo da comunidade brasileira na área da Grande Boston é que o número de mulheres ativas na comunidade é maior do que o número de homens. Além do Grupo Mulher Brasileira, sediado em Somerville, mais dois grupos de mulheres estão em formação, um na área de Cape Cod, sul do estado de Massachusetts, e outro em Framingham, ligado a um Serviço de Proteção à Mulher, que trabalha na área de violência doméstica.

São as mulheres que lideram as ações de política-comunitária e a maior parte dos cargos ocupados por brasileiros são ocupados por brasileiras imigrantes. As mulheres aprendem inglês mais rápido porque percebem mais cedo a necessidade de aprender a língua local para poder transitar entre as duas culturas e, por isso, têm voz ativa em decisões domésticas e fora de casa. Por causa da necessidade de ajudar no orçamento familiar, elas trabalham tanto quanto os homens e muitas vezes contribuem com um salário maior, alterando as relações de gênero no lar e na sociedade (Dantas, 1996; Martes, 1996; Souza, 1997).

Como foi dito acima, a imigração brasileira para o exterior é fato recente na nossa história. Ainda não se passaram dez anos de fluxo migratório e efetivo estabelecimento da comunidade. É muito cedo para se fechar um capítulo desta história e mais cedo ainda para se tirar conclusões. Não há parâmetros de comparação a não ser com as comunidades que, como a brasileira, estão imigrando agora.

Existe uma diferença latente entre os grupos imigrantes do início do século ou da segunda metade do passado e os que estão vindo mais recentemente, incluindo-se aí os brasileiros. Os primeiros grupos vieram com o propósito de se estabelecerem na América, da mesma forma que italianos, alemães e japoneses se estabeleceram no Brasil. Refugiados de guerra ou exilados vieram e continuam vindo fugindo de guerras e gozando de status legal perante a lei de imigração americana.

Os brasileiros consideram-se exilados da economia e, portanto, foram forçados a deixar o país onde não podiam sustentar a família e garantir um futuro decente para os filhos. Nos Estados Unidos, porém, muitas vezes, são comparados com os mexicanos, e com as levas de "ilegais que cruzam a fronteira para se aproveitar dos benefícios do sistema americano".

Esta afirmação demonstra um profundo desconhecimento da problemática do imigrante de uma forma geral e do brasileiro, em particular. Tradicionalmente, o brasileiro não gosta de imigrar, de deixar a terra natal (Moretto, 1986) e a distância da família e dos valores culturais brasileiros coloca uma grande pressão emocional e psicológica nesta comunidade (Waldeck, 1991). O grande fluxo migratório registrado na última década vai entrar na nossa história como resultado da mais profunda decepção do povo brasileiro com as autoridades brasileiras e a incapacidade do governo brasileiro de praticar promessas de campanha. Em relação ao imigrante de uma forma geral, outros fatores históricos têm de ser levados em consideração, inclusive a política de opressão exercida pelas nações desenvolvidas em cima das nações em desenvolvimento.

No caso específico dos brasileiros, raríssimos recebem ajuda do governo dos Estados Unidos (welfare) em forma de pre-

vidência social. Pelo contrário, a grande maioria contribui com quantias altas para os cofres públicos americanos, com imposto sobre circulação de mercadorias (pesquisas indicam que o imigrante consome mais do que o nativo) e restituições do imposto de renda não processadas por falta do número do social (equivalente à carteira de identidade).

Espertamente, há coisa de dois anos, a receita federal americana reivindicou a liberação de um número, chamado TIN - Tax Identification Number - para que imigrantes indocumentados possam declarar imposto de renda.

O Brasil também se beneficia financeiramente do trabalho dos brasileiros que mais recentemente foram viver no exterior. Segundo dados do Banco do Brasil, revelados durante o I Simpósio Internacional sobre a Emigração Brasileira (Lisboa, 1997), somente em 1995, o dinheiro mandado por brasileiros residindo no exterior bateu recordes de divisas, totalizando 3 bilhões de dólares e pagando por 11% das importações brasileiras.

As agências comunitárias criadas por brasileiros para trabalhar com brasileiros fazem questão de ressaltar o quanto o imigrante brasileiro deixa nos Estados Unidos e manda para o Brasil como forma de demandar mais e melhores serviços. Em conclusão, podemos dizer que o aparecimento e a atuação destes grupos comunitários, além de legitimar a presença do imigrante brasileiro em solo estrangeiro, ajudam na formação e propagação de sua identidade étnica e cultural e criam condições para uma organização comunitária política e civil que mira e aprimora os moldes brasileiros.

** Heloisa Souza é jornalista com mestrado em Jornalismo Impresso e Jornalismo Eletrônico pela Universidade Boston, mora nos Estados Unidos há 11 anos e há mais de oito trabalha com a comunidade brasileira da área de Boston. É também cofundadora do Grupo Mulher Brasileira e do jornal bilingue "The Brazilian Monthly".*

NOTA

1. A classificação racial usada nos Estados Unidos é raças branca, negra, asiática, hispânica e índio norte-americano.

BIBLIOGRAFIA

BRAZ, Júlio Emílio e BATISTA, Silvana Pimentel (1996) *Rua 46*. Saraiva, São Paulo.
GOZA, Franklin (1992) *Brazilian Immigration to North America*. IMR

v. XXVIII, nº 1.

MARGOLIS, Maxine (1993) *Little Brazil*. Princeton, University Press.
MORETTO, Denise (1991) *Descriptive Study of the Brazilian Immigrants Living in the Boston Area and Identification of their major Pre and Post Immigration Stresses*. Ed. M., Boston University, 1986.
SALES, Teresa (1999) *Brasileiros Longe de Casa*. Cortez Editora, São Paulo.
SOUZA, Heloisa (1997) *Retrato em Preto e Branco - narrativas de mulheres brasileiras imigrantes na Área da Grande Boston - 1995, 1996, 1997*. Boston, MA.
WALDECK, Nilza (1991) *The Internacional Student Personal and Academic Adjustment in the United States: A look at the difficulties experienced by Brazilian Graduate Students and their Implication to Orientation Programs*. Fulbright Commission of Brazil, Rio de Janeiro.

ARTIGOS

- Brasileira recebe prêmio por ter se destacado em Boston. *Brazilian Voice*, 8 a 14 de maio, 1998.
- DA PONTE, Melissa. "Building a little Brazil - Brazilian Immigrants are making Allston-Brighton their permanent home". *The Allston-Brighton TAB*, Abril 28 - Maio 4, 1998.
- "Brazilian economy faces closing". *The Allston-Brighton TAB*, May 12-18, 1998.
- DANTAS, Sylvia Duarte. "Mudança, Crise e Redefinição de Papéis: As mulheres brasileiras lá fora". In *Travessia-Revista do Migrante*, São Paulo, set-dez., 1996.
- "Jornalista desvenda o imaginário da mulher brasileira em Boston". *Brazilian Voice*, Nov. 29-Dez. 5, 1996.
- KRAMER, Lauren. "The Lucien Link". *The Allston-Brighton TAB*, May 19-25, 1998.
- LEVY, Marc A Changing Brazilian community takes root in the city". *Somerville Journal*, September, 1996.
- MARTES, Ana Cristina Braga. "Trabalhadoras Brasileiras em Boston". In *Travessia-Revista do Migrante*, São Paulo, set-dez., 1996.
- "Novos Professores bilingües devem ser contratados em Framingham". *Brazilian Voice*, 17-23/2/99, p.25.
- Número de alunos bilingües em Framingham continua crescendo". *Jornal dos Sports*, 8/2/1999, p.7.
- SOUZA, Heloisa. "Making it in Boston, Dream or Reality?". *The Brazilian Monthly*, jan/feb., 1992.
- "Brazilian Neighborhoods in Boston". *The Brazilian Monthly*, June, July and August, 1992.
- TARCITANO, Terezinha. "Pesquisa mostra que brasileiras são mais arrojadas". *Brazilian Times*, Nov. 29, 1996, p. 11.
- "Brasileira é homenageada como heroína anônima". *Brazilian Times*, 12 de junho de 1998.
- "Comunidade se mobiliza para o Sete de Setembro". *Brazilian Times*, 29 de maio de 1998.
- "Brasileira nos Estados Unidos vai receber medalha da Ordem do Rio Branco". *Brazilian Times*, 29 de maio de 1998.
- "Brasileiros exigem direitos reconhecidos". *Brazilian Times*, 8 de maio de 1998.
- "Em prol da MAPS" *Brazilian Times*, 15 de maio de 1998.
- "Conselho de Cidadãos de Boston reúne-se pela sétima vez". *Brazilian Times*, 12/2/1999, p.11.
- WILEY, Myriam. "Fostering Brazilian businesses, Network will assist fledgling companies to survive, expand". *Middlesex News*, 6/2/1997.